

Contemplada pelo Edital Sesc Pulsar 2024, a exposição “O Meu Lugar”, em cartaz no Sesc São Gonçalo, apresenta uma ressignificação do subúrbio fluminense através da diversidade de estilos e linguagens na produção das artistas visuais Agrade, Agrippina R. Manhattan, Arorá, Diambe, Joyce Olipo, Mariana Paraizo, Masina Pinheiro & Gal Cipreste e Renata Leoa. Oriundas de regiões suburbanas e periféricas do Rio de Janeiro, elas criaram diferentes formas de localizar aspectos do subúrbio na produção de uma arte contemporânea e brasileira.

Com curadoria e concepção de Julia Baker e Rafael Amorim, a mostra é de grande importância sócio-cultural ao traduz a trajetória pessoal desse grupo de artistas na arte, tais como experiências e memórias LGBTQIAPN+, direito à moradia, deslocamento, pertencimento, território e a reivindicação de imagens que não reforcem políticas de violência na representação de seus lugares de origem.

A partir do verso “o meu lugar...” na composição de Arlindo Cruz e Mauro Diniz, o projeto de curadoria, assinado por Julia Baker e Rafael Amorim, selecionou obras que dialogassem não apenas com os espaços nos quais esse grupo de artistas nasceram, mas nas suas relações de pertencimento e exclusão baseadas em narrativas críticas, vislumbrando tais territórios em amplos aspectos.

A exposição apresenta variadas camadas da própria ideia de subúrbio, propondo questionamentos como que outros subúrbios encontram-se escondidos naquele que conhecemos e quais corpos vêm sendo representados na história da arte quando se fala em subúrbios e periferias? “Como descentralizar as narrativas que subalternizam e exploram aquilo que não está no espaço chamado de centro?”, pergunta Julia Baker.

“Esse projeto é uma iniciativa que pretende expor as formas e discursos que compõem o terreno sensível de quem nasceu ou viveu

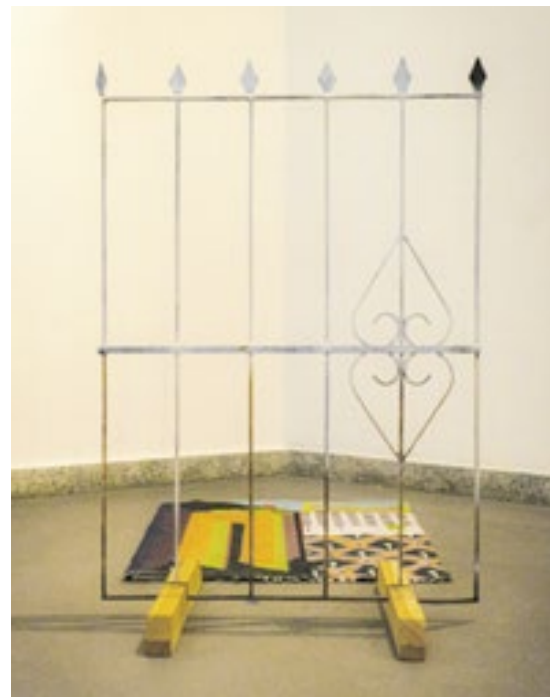


Divulgação

Em ‘O Meu Lugar’, em cartaz no Sesc São Gonçalo, nove artistas visuais expõem formas e discursos que compõem o terreno sensível de quem nasceu ou viveu em algum subúrbio no Estado do Rio de Janeiro

O subúrbio ressignificado

Com a exposição ‘O meu Lugar’, artistas visuais periféricas refiletem sobre pertencimento e exclusão em seus territórios



em algum subúrbio no Estado do Rio de Janeiro, registrando os percursos de artistas que apresentam seus territórios e interesses de pesquisa por meio de perspectivas menos literais, apostando na ressingularização de seus espaços, tendo a arte como uma das muitas urgências em suas trajetórias de vida”, reforça Rafael Amorim.

Na canção “Meu Lugar”, Arlindo Cruz entoa versos como O meu lugar/ É cercado de luta e suor/ Esperança de um mundo melhor / E cerveja para comemorar/ O meu lugar/ tem seus mitos e seres de luz/ É bem perto de Osvaldo Cruz/ Cascadura, Vaz Lobo e Irajá. O imaginário sobre os subúrbios e as periferias é comumente cercado de imagens caricaturais limitantes. “Criações pictóricas retratando esses estereótipos são frequentes na mídia e no campo das artes visuais, sendo compartilhadas sob a forma de corpos hipersexualizados, violência excessiva e, muitas das vezes, aludindo a uma felicidade típica. Visões que reduzem esses territórios a chaves de leitura simplificadas. Na canção, Arlindo Cruz afirma que existem mitos sobre o seu lugar, e esse mitos são retratados inúmeras vezes em uma história da arte não expandida”, explica a curadora. “No entanto, quando pensamos nas histórias das artes, vemos que a representação dos territórios recebe visões múltiplas, especialmente de corpos que habitam ou habitaram tal espaço de formas não convencionais. Com novas possibilidades, novas histórias se criam e o espaço do ‘Meu Lugar’ se transforma. Seja em termos concretos ou de representação”, completa.

O grupo de artistas de “O meu Lugar” reafirma o interesse poético e político de co-criar o que de mais plural há em nossos subúrbios.

SERVIÇO

O MEU LUGAR

Sesc Gonçalo (Av. Pres. Kennedy, 755 - Estrela do Norte) | Até 15/12, de terça a domingo (9h às 18h)
Entrada franca